

**TEMA:** A juventude de nosso tempo: rebeldia, incompreensão ou desamor?

**Coletânea**

**Texto 1** — Excerto da entrevista de Marília Sposito (professora e pesquisadora, especializada em jovens) “A juventude no limbo”, revista *Carta Capital*.

**CE:** Como o conceito de juventude foi se transformando nas últimas décadas?

**MS:** No fim dos anos 80 a reflexão tinha dois polos. O primeiro deles era o de pensar a juventude como um momento de transição para a vida adulta. O segundo definiu a condição juvenil como o momento de se preparar para aquilo que o jovem viria a ser. Hoje, discute-se a ideia de autonomia e independência econômica. Há também um conceito de juventude que é o de experimentação.

**CE:** A televisão teve algum impacto na construção desse novo conceito de juventude?

**MS:** Um artigo de uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo, publicada no livro *Retratos da Juventude Brasileira*, mostrou que a tevê é mais uma falta de opção na vida dos jovens do que um desejo. O impacto da influência da tevê é muito discutido e não temos dados que mensurem o quanto a tevê, a escola ou a família influenciam na formação do jovem. Uma pesquisa internacional acompanhou um grupo de pessoas, durante 30 anos, e mostrou, isolando as variáveis, que não é o tipo, mas a quantidade de horas em frente à tevê que sinaliza problemas. O fato de uma criança ficar 12 horas em frente à tevê, por exemplo, indica que ela tem uma sociabilidade truncada ou uma dificuldade de fazer amigos. Seria menos mal se ela assistisse a meia hora do *Programa do Ratinho*.

**CE:** A questão da indisciplina é uma lacuna da escola atual?

**MS:** Ainda bem que você falou em indisciplina e não em violência. Estamos transformando a indisciplina em fenômenos de violência. Toda vez que você tem um ambiente com regras, há a possibilidade de haver transgressão. Num ambiente de gerações diferentes, é ilusão achar que a ação de um adulto sobre uma pessoa imatura não provocará reações. A escola perdeu o parâmetro: quando há um ato de violência, não há intervenção com rigor, mas a indisciplina é tratada como uma ação violenta. Isso se dá por dois motivos: a dificuldade que a escola tem de cumprir a sua tarefa num mundo muito diferente e ao fato de a sociedade ser mais democrática, o que implica uma resistência maior à autoridade. Eu pergunto: o aluno dos anos 50 que abaixava a cabeça ou de cem anos atrás que ajoelhava no milho eram melhores do que os de hoje?

**Texto II - Anônimo.**

Nascemos no berço de uma sociedade selvagem e preconceituosa que, ao longo do tempo, vem determinando um novo modelo de vida, de família, centrados na insatisfação social, política e econômica, o que transformará os jovens em gladiadores de si mesmos.

Em virtude disso, a juventude de nosso tempo traz consigo os temores de uma época decadente, ajustada nos padrões de uma modernidade vil e catastrófica.

**Texto III — Excerto de “Saudade para quê?”, de Serginho Groisman (revista *Veja*, ed. especial: *Jovens*, junho 2004).**

Vivemos num país que mistura desdentados com marombados, famintos com bad boys, motins em prisões com raves na Amazônia, malabares nos cruzamentos com gatinhas tatuadas, crianças com 15 anos na FEBEM e outras com 15 na Disney. E Macunaíma dando passagem aos tropicalistas, numa maçaroca que é o samba-enredo chamado Brasil. É um país com muitas diferenças — e acabar com elas é papel dos jovens. A juventude deve, acima de tudo, saber desconfiar das verdades absolutas. Desconfiar sempre é ser curioso, pesquisador, renovador, transgressor. Seja intransigente na transgressão. Sempre diga não ao não — e desafine o coro dos contentes.

**Texto IV —**

“Um adolescente um pouco sem rumo, estranhando seu próprio comportamento, paradoxalmente desafiador e arrependido, para você na rua e fala: “Estou só passando por uma fase agora. Todo o mundo passa por fases, não é?” Alguém talvez reconheça sua voz. É Holden, o herói do romance *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J.D. Salinger.

Aproveitando-se da situação, atrás e ao lado dele se aglomeram pais e mães de adolescentes. Eles também perguntam: “Então, é assim? Vai passar? É só uma fase?” Resposta de bolso, caso Holden e os pais o parem na rua: “Não. Não é apenas uma fase. Por isso, nada garante que passe”.



Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século 20, que vingou sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial.<sup>1</sup>

A adolescência é o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam. Ela é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época.

Objeto de inveja e de medo, ela dá forma aos sonhos de liberdade ou de evasão dos adultos e, ao mesmo tempo, a seus pesadelos de violência e desordem. Objeto de admiração e ojeriza, ela é um poderoso argumento de marketing e, ao mesmo tempo, uma fonte de desconfiança e repressão preventiva.

A Holden e aos pais pode-se responder, assim, que os jovens de hoje chegaram à adolescência numa época que alimenta uma espécie de culto desse tempo da vida. E caberia, então, tentar explicar como isso nos afeta a todos."

Contardo Calligaris

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ult10037u351920.shtml>

## Texto V -

"Filho criado, trabalho redobrado." Esse conhecido ditado popular ganha sentido quando chega a adolescência. Nessa fase, o filho já não precisa dos cuidados que os pais dedicam à criança, tão dependente. Mas, por outro lado, o que ele ganha de liberdade para viver a própria vida resulta em diversas e sérias preocupações aos pais. Temos a tendência a considerar a adolescência mais problemática para os pais do que para os filhos. É que, como eles já gozam de liberdade para sair, festejar e comemorar sempre que possível com colegas e amigos de mesma idade e estão sempre prontos a isso, parece que a vida deles é uma eterna festa. Mas vamos com calma porque não é bem assim.

Se a vida com os filhos adolescentes, que alguns teimam em considerar um fato aborrecedor, é complexa e delicada, a vida deles também o é. Na verdade, o fenômeno da adolescência, principalmente no mundo contemporâneo, é bem mais complicado de ser vivido pelos próprios jovens do que por seus pais. Vejamos dois motivos importantes.

Em primeiro lugar, deixar de ser criança é se defrontar com inúmeros problemas da vida que, antes, pareciam não existir: eles permaneciam camuflados ou ignorados porque eram da responsabilidade só dos pais. Hoje, esse quadro é mais agudo ainda, já que muitos pais escolheram tutelar integralmente a vida dos filhos por muito mais tempo.

Quando o filho, ainda na infância, enfrenta dissabores na convivência com colegas ou pena para construir relações na escola, quando se afasta das dificuldades que surgem na vida escolar -sua primeira e exclusiva responsabilidade-, quando se envolve em conflitos, comete erros, não dá conta do recado etc., os pais logo se colocam em cena. Dessa forma, poupam o filho de enfrentar seus problemas no presente, é claro, mas também passam a idéia de que eles não existem por muito mais tempo.

É bom lembrar que a escola -no ciclo fundamental- deveria ser a primeira grande batalha da vida que o filho teria de enfrentar sozinho, apenas com seus recursos, como experiência de aprender a se conhecer, a viver em comunidade e a usar seu potencial com disciplina para dar conta de dar os passos com suas próprias pernas.

Em segundo lugar, o contexto sociocultural globalizado atual, com ideais como consumo, felicidade e juventude eterna, por exemplo, compromete de largada o processo de amadurecimento típico da adolescência, que exige certa dose de solidão para a estruturação de tantas vivências e, principalmente, interlocução. E com quem os adolescentes contam para conversar?

Eles precisam, nessa época de passagem para a vida adulta, de pessoas dispostas a assumir o lugar da maturidade e da experiência com olhar crítico sobre as questões existenciais e da vida em sociedade para estabelecer com eles um diálogo interrogador. Várias pesquisas já mostraram que os jovens dão grande valor aos pais e aos professores em suas vidas. Entretanto, parece que estamos muito mais comprometidos com a juventude do que eles mesmos.

Quem leva a sério questões importantes para eles em temas como política, sexualidade, drogas, ética, depressão e suicídio, vida em família, vida escolar, violência, relações amorosas e fidelidade, racismo, trabalho etc.? Quando digo levar a sério me refiro a considerar o que eles dizem e dialogar com propriedade, e não com moralismo ou com excesso de jovialidade. E, desse mal, padecem muitos pais e professores que com eles convivem.

Os adolescentes não conseguem desfrutar da solidão necessária nessa época da vida, mas parece que se encontram sozinhos na aventura de aprender a se tornarem adultos. Bem que merecem nossa companhia, não?"

Rosely Sayão

<http://cronicasbrasil.blogspot.com/>

## Texto VI -

### **Informação não basta**

***Muitas vezes o jovem esquece ou abandona tudo o que sabe em algum lugar da cabeça.  
E isso o coloca cara a cara com o risco***



Um ponto que une a atual geração de jovens é a grande quantidade de informação a que ela é exposta desde muito cedo. O conhecimento está sempre ali, à distância de poucos toques e tecladas dos dedos. O jovem aprende, de forma surpreendente e precoce, a lidar com várias fontes de informação ao mesmo tempo. Ele funciona como uma grande antena, sempre ligada, sempre captando. E faz tudo isso muito bem.

O quarto de dormir virou uma espécie de quartel-general da informação. De posse de controles remotos, botões, teclado e mouse, o mundo das notícias e das novidades se abre para o jovem de hoje como os adultos, no passado, descascavam uma banana. Ficou muito mais fácil ter o conhecimento.

Por outro lado, o que se vê é que muito pouco dessa informação é aproveitada pelo jovem para a construção de um mundo melhor e mais seguro para ele mesmo. Não que a informação não esteja ali, fincada de forma definitiva em seus neurônios. Mas, muitas vezes, ela é esquecida ou propositadamente abandonada, ali mesmo, dentro da cabeça. Do saber para o fazer, cria-se um abismo, diversas vezes, intransponível. E essa distância pode colocar o jovem cara a cara com o risco.

[...]

A informação traz o mundo da razão, o mundo das regras, o mundo do real para a vida do jovem. Talvez em alguns momentos ele queira justamente esquecer esse mundo real para viver em outro, mais livre, sem limites, mais lúdico, mais emocional, onde possa fazer o que bem quiser. Dentro dessa percepção distorcida, ele vê a informação como empecilho, como obstáculo, não como apoio e ajuda. Nessa hora, ele entende que a informação atrapalha e, assim, desliga esse filtro e deixa a vida exposta ao risco acontecer.

Os tempos modernos, nesse aspecto, também são mais cruéis. Talvez algumas décadas atrás, descontados certos mecanismos de controle social mais rígidos, o grau de transgressão (se é que esse indicador pode ser calculado) entre os jovens fosse muito próximo do que é hoje. Mas o mundo era menos agressivo e menos violento. As drogas menos disponíveis e menos potentes, os carros menos velozes e em menor quantidade, as ruas mais tranqüilas, a vida mais calma e menos competitiva. Tudo isso, arranjado de outra maneira, em pleno século XXI, aproxima o jovem do risco.

[...]

Se hoje não existem limites em nossa capacidade de gerar informação, há um limite claro em nossa possibilidade de transformar essa informação em objeto prático de uso e proteção da vida dos jovens. Algumas pistas são claras: a emoção tem peso fundamental nessa equação, a informação deve ultrapassar o campo da razão, o jovem de hoje, precoce e antenado, não aceita um discurso pronto e acabado, a simples proibição ou a radicalização de limites e regras é inoperante no mundo atual e alguns valores fundamentais para a vida ficaram atolados na pressa e na competição do mundo atual. Um pouco de tudo isso pode orientar a qualidade das informações para um novo rumo. Talvez essa não seja uma tarefa imediatamente possível. Talvez só essa própria geração, escapando de suas derrapadas, consiga amadurecer e ampliar os elos entre a razão e a emoção para seus filhos.

**Jairo Bouer** - Psiquiatra e apresentador do programa diário *Ao Ponto*, no Canal Futura

### **Proposta:**

**RELATO** – Nesse gênero, relatamos, basicamente, experiências vividas no passado. Para isso, os verbos devem ser empregados no pretérito. Trata-se de uma exposição escrita de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos sequenciados, em que são apresentados os seguintes elementos: quem, onde, quando, para que, porque e como. Como o foco dos relatos está na ação, um aspecto importante da sua estrutura é o controle do tempo. O interlocutor do texto precisa contar com marcas textuais que permitam inferir a sequência dos acontecimentos.

Você leu vários textos que tentam explicar a juventude. Veja a temática proposta e, a partir daí, crie um texto que seja um relato (em primeira pessoa) bem expressivo e reflexivo de um jovem que experimente as inquietações próprias dessa fase e relata um acontecimento bastante significativo vivido por ele.